

## O ESPAÇO E O HOMEM: REPRESENTAÇÕES NA OBRA DE DYONÉLIO MACHADO

### THE SPACE AND THE MAN: REPRESENTATIONS IN THE WORK OF DYONÉLIO MACHADO

Luana Noleto<sup>1</sup>  
Oziris Borges Filho<sup>2</sup>

#### RESUMO

Como parte integrante da pesquisa *Identidade, Memória e Espaço Literário: um estudo da obra “Os Ratos”, de Dyonélio Machado*, que se desenvolve no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão/GO, propomos neste ensaio analisar a casa de Naziazeno Barbosa, personagem principal do romance de Machado, sob a perspectiva da Topoanálise que tem como objetivo principal estudar o espaço construído na obra a fim de contribuir para a “decifração” da construção literária e revelar, a partir de um olhar atento, que a construção de sentido da obra se inicia nos mínimos e aparentemente irrelevantes aspectos do lugar onde se dão os acontecimentos. Como base teórica, tivemos as visões dos teóricos Borges Filho (2007), Lins (1976), Tuan (2012) e outros que contribuem para o desenvolvimento das análises.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço; Casa; Naziazeno.

#### ABSTRACT

As a constituent part of the research *Identity, Memory and literary space: a study of the work “Os Ratos”, by Dyonélio Machado*, that is developed in the master degree program of Language studies at Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão/GO. We propose in this essay to analyze the house of Naziazeno Barbosa, main character of Machado’s novel, under the perspective of topoanalysis that aims to study the space constituted inside the work in order to contribute to the “decipherment” of the literary construction and reveal through a discerning look the constitution of the sense in this work. It begins in the minimum and apparently irrelevant aspects of the place where the events occurs. As theoretical basis we had the support of Borges Filho (2007), Lins (1976), Tuan (2012) and others who contributes to the development of the analysis.

KEYWORDS: Space, House, Naziazeno

Na Teoria da Literatura encontramos diferentes formas de se estudar o

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem pela UFG – RC, com bolsa de estudos da CAPES. Contato: [noleto.luana@gmail.com](mailto:noleto.luana@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Dr.º do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem UFG – RC. Contato: [oziris@oziris.pro.br](mailto:oziris@oziris.pro.br)

enredo e a construção de uma obra literária. A Topoanálise é uma vertente bastante significativa para os estudos literários, pois analisa aspectos que influenciam na elaboração e desenvolvimento das narrativas. Ela tem como objetivo principal estudar o espaço construído na obra a fim de colaborar para a “decifração” da construção literária. Revela, a partir de um olhar atento, que a construção de sentido da obra se inicia nos mínimos e aparentemente irrelevantes aspectos do espaço onde se dão os acontecimentos.

Em continuação aos avanços dos estudos Topoanalíticos, este trabalho é parte da pesquisa em andamento *Identidade, Memória e Espaço Literário: Um Estudo Da Obra Os Ratos De Dyonélio Machado*<sup>3</sup>, busca elucidar as possíveis relações entre as personagens e os espaços.

O escritor e também médico, jornalista e político Dyonélio Tubino Machado nasceu em Quaraí, Rio Grande do Sul e, ainda jovem, se tornou jornalista e Médico Psiquiátrica em Porto Alegre para onde se mudou. Seus estudos revelavam a premissa do autor: conjugar a vida humana a partir das razões médicas e sociais.

Os *Ratos* rendeu a Dyonélio Machado o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, que recebeu ao lado de Marques Rabelo, João Alphonsus e Érico Verissimo. A partir de então, foi premiado<sup>4</sup> diversas vezes por entidades culturais do Brasil e na França.

As temáticas que envolvem a obra *Os Ratos* estão diretamente ligadas aos interesses humanos, já que se discute a partir de cada ambiente disposto na narrativa, as necessidades sociais, pessoais, a transformação da sociedade capitalista e a composição de novos conceitos para o ser humano que vive em comunidade.

A figura de Naziazeno representa a realidade de grande parte da população brasileira que sofre com a exclusão e falta de recursos, seja pela ausência de

---

<sup>3</sup> Esta Dissertação apresenta-se vinculada à Pós-Graduação Stricto Sensu, do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, sob orientação do Prof. Dr. Oziris Borges Filho e conta com o apoio da agência de fomento à pesquisa brasileira Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>4</sup> Prêmios: 1935 – Prêmio Machado de Assis, para o romance *Os Ratos*; 1945 – Prêmio Felipe d’Oliveira, para o romance *Desolação*; 1979 – Grande Prêmio da Crítica, da Associação dos Críticos de São Paulo. No mesmo ano, em treze de novembro, tomou posse na Academia Rio-Grandense de Letras, cadeira 38 – patrono, o poeta Eduardo Guimaraes; 1981 – Prêmio Jabuti, para o romance *Endiabrado*; 1982 – Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, para o romance *Nuanças*; 1984 – Placa de Prata, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, como homenagem oficial ao constituinte de 1947; 1985 – Diploma de Honra ao Mérito, da secretaria de Saúde e Meio Ambiente, através da Direção do Hospital São Pedro e no mesmo ano, Comenda Ordre de Arts et des Lettes, do governo da França.

oportunidades ou pela repulsa em condizer com uma sociedade contemporânea movida pelo dinheiro, portanto ao verificarmos os aspectos sociais na obra analisaremos também questões de identidade a fim de comprovar sua relação com o espaço, pois, conforme Woodward (2014) mostra na discussão de Michael Ignatieff acerca da identidade nacional, citada no livro *Identidade e Diferença* a identidade está diretamente relacionada com o grupo em que cada indivíduo se estabelece. “A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais”. (WOODWARD, 2014, p. 14)

A convivência em sociedade exige um processo de adaptação. Novas identidades são construídas e reconstruídas gradativamente conforme a evolução do espaço onde vivem as personagens. Assim, aquele que não se identifica sofre com as divergências, ou seja, vive em um espaço que para ele está desfigurado.

Nesse sentido, analisamos, além do espaço e da identidade, a memória. É de memórias que se constroem as ideias e se compõe a sociedade. Cada um contribui individualmente para compor aquilo que Bosi (1994) chama de “memória grupal”: “uns e outros sofrem um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais”. (BOSI, 1994, p. 419) A memória pode estar presente de duas maneiras: a memória que paralisa o sujeito no passado e a memória que o impulsiona para o futuro. Em *Os Ratos* essas duas memórias se confrontam e isso causa certo desequilíbrio na vida da personagem Naziazeno.

Naziazeno é um homem aquém da modernidade, seus valores estão estacionados no passado e isso o impossibilita reagir para acompanhar a evolução da nova sociedade. É justamente sobre a desfiguração de Naziazeno diante da dinâmica da sociedade que pretendemos analisar os conceitos de espaço, identidade e memória na obra.

A trama inicia-se num primeiro espaço que é a própria casa da personagem, depois se amplia para a rua onde novas situações surgem e a personagem revela uma indecisão de valores e sentimentos. Na rua há os encontros com os amigos, o comércio e as ilusões que conduzem o funcionário público desmotivado a distrair-se ainda mais de suas obrigações. Em sua casa, a responsabilidade para com a família e a cobrança que bate à sua porta o desestimulam ainda mais e o induzem para fora de casa à procura de soluções.

Assim, diante de tantos espaços a serem explorados no romance, o estudo da Topoanálise como teoria de pesquisa se aplicará em nosso trabalho de modo a contribuir para a ampliação desta categoria que vem adquirindo força nas pesquisas acadêmicas e nas discussões sobre literatura, pois, desde meados do século XX, de acordo com Borges Filho (2007), este estudo tem se agregado cada vez mais aos assuntos literários. Isso porque as produções que antes eram dotadas da valorização dos heróis perdem o deslumbramento diante da nova sociedade capitalista. “[...] as narrativas passam a se preocupar muito mais com inquiuições psicológicas, com complexos, com atitudes inesperadas e paralelamente a tudo isso, passa-se a uma maior preocupação com os espaços dessa personagem”. (BORGES FILHO, 2007, p. 13)

As mudanças nas produções implicam um novo paradigma de estudo da teoria literária. O estudo passa a acompanhar a evolução da literatura quanto às suas disposições de espaço, forma e conteúdo. Uma vez que nos romances o espaço assume papel irreverente e indicador de transformação, implica mudanças nos estudos da teoria literária.

Nas palavras do pesquisador, “Essa valorização do espaço pela narrativa incentiva, naturalmente, a preocupação da teoria literária com essa mesma questão” (BORGES FILHO, 2007, p. 13).

Acentuada a necessidade de se ter e fazer um estudo voltado para essas características modernas na produção literária, o estudo da Topoanálise, proposto por Borges Filho (2007), contribui para a maior exploração do texto literário enquanto parte indissociável das questões sociais/humanas. Retifica-se, portanto, a colaboração dos estudos acerca da literatura, da linguagem, da geografia, da filosofia e outras ciências, visto que, para se estudar o espaço em obras literárias é preciso considerar diversas outras áreas do conhecimento.

[...] é imprudente estudar o espaço sem incursionar pelas várias disciplinas que o têm como elemento fulcral de seus estudos: geografia, arquitetura, principalmente. Por outro lado, essa incursão não deixa de ser assustadora na medida em que se percebe a pluralidade de concepções que cercam a noção de espaço e outros conceitos como lugar, paisagem, natureza e território entre vários outros. Em outros termos, não há consenso a respeito das definições. Às vezes elas são complementares, às vezes, contraditórias. (BORGES FILHO, 2009, p. 15)

Neste estudo Topoanalítico ressaltamos que na obra, bem como na vida, o espaço em que se instala um indivíduo possui papel determinante nas ações e no modo de pensar, ou seja, o equilíbrio social e psicológico do homem está diretamente ligado às situações e possibilidades do espaço onde ele projeta suas experiências.

No romance *Os Ratos* (1935) o espaço assume papel importantíssimo, já que os acontecimentos se dão na modificação dos espaços dispostos e ainda por causa da construção desses espaços é que a personagem principal, Naziazeno, é obrigada a reagir aos problemas cotidianos.

Neste sentido visamos comprovar que as movimentações espaciais da personagem provocam mudanças físicas, mas, também psicológicas em sua vida. Em casa e também na rua e nos cafés, típicos comércios dos anos 30 onde os homens da cidade se reuniam para conversar e tratar de negócios, quando sai à procura de dinheiro para pagar o leiteiro, sofre influências dos lugares que passa, como, por exemplo, o café Nacional onde é apresentado ao Sr. Mondina o qual, futuramente, o auxiliará na saga em busca de dinheiro.

A obra, em toda sua dinâmica, muito contribui para a ampliação dos estudos de identidade, memória e espaço, principalmente porque o estudo da Topoanálise, que aplicamos nesta pesquisa, analisa o espaço em seus amplos e globais aspectos, sendo, como afirma Borges Filho (2007), mais do que um estudo psicológico:

Por Topoanálise, entendemos mais do que o “estudo psicológico”, pois abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, interferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço da obra literária. (BORGES, FILHO, 2007, p. 33)

Diante das palavras do autor, verificamos mais uma vez que o espaço abrange campos de compreensão muito mais extensos do que simplesmente o espaço físico, ele vale-se de questões sociológicas e também culturais e é dessa perspectiva que analisamos a obra *Os Ratos*.

## **CASA**

Sabe-se que a noção de Topoanálise foi ampliada por Borges Filho (2007), portanto compreendemos, a partir das reflexões do pesquisador, que a casa, além de refletir a vida íntima de seus moradores, destaca ainda “inferências sociológicas, filosóficas, estruturais” (BORGES FILHO, 2007). Desse modo, ao analisarmos a casa como espaço na trama utilizaremos o termo ambiente que, de acordo com o teórico, vocábulo representa “a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico”. (BORGES FILHO, 2007, p. 50)

Ilustrando tal reflexão, vejamos, nas palavras do autor, a conclusão que leva a associação da natureza, da personagem, do espaço a um estudo Topoanalítico.

Tomemos como exemplo a seguinte sequência de figuras: noite, chuva forte, vento forte, trovões, relâmpagos. Se essas figuras estivessem simplesmente apresentando o clima meteorológico teríamos aí um espaço ao qual podemos denominar de natureza. Entretanto, se a essas figuras, o narrador justapõe uma personagem que tramou um crime e que se encontra em vias de praticá-lo, temos aí uma sinergia entre ação e natureza. Um reforça o sentido do outro. Ou seja, à ação negativa, vil da personagem corresponde uma natureza tempestuosa, que evoca e favorece ações macabras. (BORGES FILHO, 2007, p. 50)

Portanto, uma casa pode ser vista como tal se mantiver em seu interior características que representem ações, emoções e relações humanas. Não existe lar apenas pela disposição de paredes, há de se levar em conta a convivência ali estabelecida. Cabe ressaltar que, para Bachelard (1989, p. 26) “todo espaço realmente habitado traz a noção de casa”, o que implica dizer que não é necessário que haja um modelo unificado de casa, com arquitetura e estruturas geográficas, mas sim que habite vidas.

O propósito maior de uma casa é ser habitada por alguém, se não há moradores, perde totalmente a razão de existir. Prova disto é que sem o cuidado do homem, vazia e sem as devidas manutenções, a casa se torna além de inútil, escassa. Vazia torna-se representação do nada, do vazio e acaba em ruínas.

Com mais complexidade em relação à definição dada pelo Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2009, p. 416) que afirma casa como “edifício de um ou poucos andares, destinado, geralmente, a habitação; morada, vivenda, moradia residência”, Bachelard (1989) faz reflexões bastante otimistas sobre o conceito de

casa. Para ele, casa é nosso “canto do mundo” (BACHELARD, 1989, p. 25) é onde nos protegemos contra as tempestades e fatores climáticos, onde vivemos nossas experiências em família e onde podemos expressar nossas identidades e experiências e comunga-las com os entes queridos, criar nossa intimidade e preservar nossos bens materiais e também afetivos.

No entanto, podemos afirmar que nem todo lar é sinônimo de proteção e por isso nem sempre possuem uma representação positiva para quem o habita. Borges Filho (2007) sugere o conceito de Topopatia. *Topo* vem do grego e representa “lugar”, *patia* também de origem grega representa “paixão/sentimento”. Sendo assim, o teórico propõe que o neologismo “Topopatia” significa a relação sentimental, experiencial, vivencial existente entre personagens e espaço”. (BORGES FILHO, 2007 p. 157)

Topopatia, no entanto, se divide ainda em dois polos que devemos analisar, a *Topofilia* e a *Topofobia*, ambos os conceitos tratam a relação direta das personagens com o espaço e os efeitos desta relação. De *Topofilia* chamamos a situação em que a relação personagem/espaço é positiva. Por outro lado, a *Topofobia* é o termo que designa a relação tensa entre personagem e espaço, quando o espaço proporciona perigo e desconforto à personagem.

A casa de Naziazeno é ponto primordial de análise do espaço, visto que nela verificamos a relação familiar e diferentes posições da personagem. É relevante a análise do espaço na obra, pois segundo Da Matta (2000, p. 29), “O espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida”. Isso porque a casa é o espaço de partida e de retorno da personagem, onde sobrecarrega e descarta suas emoções, aflições e alegrias.

Não adotaremos, portanto, para este trabalho a teoria de Bachelard (1989) que define casa como lugar de harmonia, visto que em diversos lares não há positiva recepção por parte de seus habitantes. Numa casa onde as pessoas não vivem em empatia ou onde essa empatia é desapropriada diante dos sentimentos ruins das pessoas, lar não representa conforto nem aconchego.

## **A Casa de Naziazeno**

Em ambientação diurna e matutina acontece a primeira cena em *Os Ratos*, a



narrativa é construída a partir da intriga de Naziazeno com o leiteiro que vai até sua porta para cobrar o provento, a partir de então, a personagem, que inicia o dia com um problema a solucionar, vai em busca de dinheiro para quitar a dívida com o leiteiro. Porém, antes de sair às ruas, Naziazeno vivencia as consequências de tal conflito ainda dentro de casa.

Nessa fase inicial da obra, o espaço doméstico é explorado interna e externamente, apresentando a habitação do protagonista. Esta é a principal referência espacial da narrativa, pois é onde ela se inicia e tem fim.

O espaço externo da casa de Naziazeno é o primeiro a ser explorado na obra e revela características do bairro onde a personagem vive e como se relaciona com os demais. A cena inicial demonstra a genuína ausência de privacidade designada pela proximidade territorial:

Os bem vizinhos de Naziazeno Barbosa assistem ao “pega” com o leiteiro. Por detrás das cercas, mudos, com a mulher e um que outro filho espantado já de pé àquela hora, ouvem. **Todos aqueles quintais conhecidos têm o mesmo silêncio.** Noutras ocasiões, quando era apenas a “briga” com a mulher, esta como um último desaforo de vítima, dizia-lhe: “Olha, que os vizinhos estão ouvindo”. Depois, à hora da saída, eram aquelas caras curiosas às janelas, com os olhos fitos nele, enquanto ele cumprimentava. (MACHADO, 1935, p. 7, grifos nossos)

Nesse excerto, é relatado pelo narrador as características do bairro onde mora Naziazeno. O recurso de linguagem adotado justapõe o espaço às pessoas. No trecho em destaque, observamos a construção de uma metonímia espacial, pois os vizinhos são representados pelo espaço que ocupam “todos aqueles quintais conhecidos têm o mesmo silêncio”. O espaço aqui é a representação dos sujeitos e ao espaço são atribuídas características/ações executadas pelas pessoas que moram ao redor da casa de Naziazeno. Isso demonstra a proximidade dos vizinhos e a interferência dos olhares durante a abordagem do leiteiro. Revela hábitos comuns em periferias, que, por sua vez, refere-se “contorno, vizinhança, proximidade”.

Além da proximidade, as casas são separadas/contornadas apenas por cercas que possibilitam a visualização da casa do outro, portanto o espaço permite tal invasão. Neste caso, nota-se uma das sete funções do espaço listadas por Borges Filho (2007): favorecer as ações das personagens. Nas palavras do



pesquisador “A personagem é pressionada por outros fatores a agir de tal maneira, não pelo espaço. Entretanto, ela age de determinada maneira, pois o espaço é favorável a essa ação”. (BORGES FILHO, 2007, p.39)

Naziazeno agora é observado e julgado por olhares que conotativamente estendem a cobrança do leiteiro, criando assim uma divisão entre Naziazeno e o bairro onde mora.

Após a cena que se encerra no trecho citado acima, o leiteiro parte em despedida brusca e repentina e mais uma vez temos o espaço descrito pelo narrador de forma a indicar características da casa de Naziazeno:

O leiteiro diz-lhe aquelas coisas, despenca-se pela escadinha que vai do portão até à rua, toma as rédeas do burro e sai a galope, fustigando o animal, furioso, sem olhar para nada. Naziazeno ainda fica um instante ali sozinho. (A mulher havia entrado.) Um ou outro olhar de criança fuzila através das frestas das cercas. As **sombras** têm uma frescura que cheira a ervas úmidas. A **luz** é doirada e anda ainda por longe, na copa das árvores, no meio da estrada avermelhada. (MACHADO, 1935, p. 7, grifos meus)

Neste trecho, reconhecemos a teoria proposta por Lins (1976) em seu livro *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*, o teórico sugere uma sistematização da ambientação como forma de explicar como o espaço é apresentado na obra. Contudo, embora adotemos nesta análise a teoria elaborada por Lins (1976), o termo que utilizaremos será espacialização em lugar de ambientação como propõe Borges Filho (2007). Segundo o autor o termo ambientação pode facilmente ser confundido com o conceito de ambiente e, para evitar tal equívoco, a terminologia espacialização atenderá de igual maneira à proposta de Lins (1976).

A sistematização da espacialização proposta por Lins (1976) sugere três divisões da descrição dos espaços na narrativa, a Franca, a Reflexa e a Dissimulada ou oblíqua. Dentre as três divisões, a que se enquadra ao excerto que analisamos é a Dissimulada considerada a mais complexa de ser realizada em relação às outras duas divisões, sendo que a Franca é básica e o espaço é introduzido por um narrador que não participa da cena. A espacialização Reflexa não exige trabalho do narrador, as “coisas, sem engano possível, são percebidas através da personagem”. (LINS, 1976, p. 82) Já a Dissimulada requer atitudes da personagem para que se instaure uma conexão com o espaço, os “atos da personagem, nesse tipo de ambientação, vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos

seus próprios gestos”. (LINS, 1976, p. 83-84).

Portanto, no trecho que destacamos, observa-se que a escadinha, depois o portão e a rua aparecem junto com as ações da personagem, o leiteiro. Ainda, a descrição do espaço pode ser realizada de maneira Abundante ou Moderada, a primeira indica que o espaço foi explorado e a descrição é detalhada, a segunda, que foi utilizada neste excerto é mínima e acontece “quase ao acaso”, como cita Borges Filho (2007).

A espacialidade neste trecho do romance ocorre na verticalidade de acordo com o verbo utilizado no trecho: “despenca-se”. Enquanto proferia os desaforos a Naziazeno, o leiteiro estava em cima da escada de entrada da casa. Podemos inferir que do alto da “escadinha” o homem observava o protagonista olho a olho, pois a parte alta da escada é a entrada da casa por isso tem a mesma altura que o solo da casa. Para efetivar um diálogo que produza uma ordem e respeito, o leiteiro precisou estar diante de Naziazeno. Ao concluir sua cobrança, o homem “despenca-se” pela escadinha, ou seja, cai, vai para baixo retorna à posição que tinha antes de se impor.

Ainda neste excerto, verificamos a exposição de ideias contrárias, a antítese construída através das palavras “sombra” e luz”. A sombra remete às lembranças antigas da vida de Naziazeno, pois, acompanhada do cheiro das ervas úmidas, traz a recordação de um tempo obscuro de pobreza e necessidades que passou quando criança. Por outro lado, a “luz doirada” aponta direção para a estrada avermelhada já indicando que a solução para o problema está no caminho que será percorrido pelo protagonista durante todo o dia.

Segundo Borges Filho (2007, p. 90), “o vermelho também conota o sentido ‘para baixo’. É por isso que, nos elevadores, a seta que indica o movimento descendente é geralmente vermelha”. Como dissemos anteriormente, as características da casa de Naziazeno indicam que a personagem mora numa periferia, e periferias são comumente construídas em regiões mais altas e nos arredores das cidades.

A estrada para qual a luz doirada se direciona é avermelhada, ou seja, segundo a simbologia atrás explicada, a estrada leva para baixo, para a cidade.

Percebemos então, nesse excerto, que a narrativa já revela de antemão uma ideia de para onde a personagem se direcionará, onde acontecerão as principais peripécias do romance e, conseqüentemente, onde Naziazeno encontrará a solução

de seu problema, pois a luz que direciona o caminho é “doirada” cor próxima ao amarelo que “por seu brilho é associada ao ouro e, portanto, à riqueza, aos deuses, à eternidade”. (BORGES FILHO, 2007, p. 84) Importante ressaltar que a solução para Naziazeno é conseguir dinheiro, o que completa a simbologia aplicada à cor da luz citada.

Em seu livro intitulado *Topofilia*, Yi-Fu Tuan (2012) fala da primazia dos cheiros da infância que podem refletir na vida adulta através dos cheiros da natureza. Naziazeno, após a ida do leiteiro, fica sozinho e o narrador descreve o cheiro como aroma de “ervas úmidas” (Machado, 1935, p.7) naquele lugar. Isso o faz refletir sobre a própria história e reconhecer que esta é uma situação constante em sua vida. Desde a infância enfrenta questões sociais e pessoais derivadas do sistema capitalista em que a sociedade é inserida. A relação do cheiro das ervas úmidas com a recordação à infância diante de um problema atual tem explicação lógica na teoria de Yi- Fu Tuan (2012):

Os nossos narizes, na infância, não somente eram mais sensíveis, mas estavam mais próximos dos odores emanados da terra dos canteiros, das flores, do capim e dos solos úmidos. Na vida adulta, um encontro casual com a fragrância de um monte de feno pode levar nossa memória para um passado nostálgico. (TUAN, 2012, p. 27)

Como vemos, o geógrafo expõe a ligação do indivíduo com o espaço que o circunda, bem como explicamos no início deste trabalho sobre a teoria de Borges Filho (2007), Tuan (2012) em seus estudos sobre a geografia considera a *Topofilia* como “os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. (TUAN, 2012, p. 136) Ao sentir o cheiro das ervas úmidas, Naziazeno tem uma relação muito íntima e pessoal com o espaço, pois elabora uma reflexão sobre a própria infância e faz uma crítica em relação à infância do filho. Quando entra para a casa em discussão com a mulher que cobra uma solução, Naziazeno replica citando sua condição quando criança de modo a comparar com a “boa vida” que o filho tem atualmente:

\_ Quando foi a manteiga, a mesma coisa, como se fosse uma lei da polícia comer manteiga. Fica sabendo que eu quando pequeno, na minha cidadezinha, só sabia que comiam manteiga os ricos, uma manteiga de lata, amarela, o que não me admirava, porque era voz geral que eles ainda comiam coisa pior. (MACHADO, 1935, p. 8)

Ainda nesta primeira fase de *Os Ratos*, quando Naziazeno está em casa com a esposa, antes de sair às ruas procurando por algum empréstimo, o funcionário público hesita em buscar solução para que o filho do casal não fique sem o leite e diante da postura omissa do homem, a mulher Adelaide o pressiona. Deste modo, Naziazeno toma postura e se impõe como quem está com a razão diante de todo o contexto que estão vivendo e interpela a mulher lembrando outras ocasiões em que tiveram a mesma dificuldade, porém no lugar o leite, o que faltaram foram a manteiga e gelo e, no entanto, ao entendimento do pai de família, não se prejudicaram.

Cabe aqui uma observação, pois o nome da mulher, Adelaide, é de origem teutônica e indica uma pessoa nobre, com grande sabedoria, mas que tem dificuldades em se abrir e, em geral, não permite que nada nem ninguém interfira nas suas certezas. Por outro lado, o nome Naziazeno, tem origem hebraica e significa pessoa de personalidade aventureira, impaciente e que se preocupa muito pouco com o passado e não cria expectativas com o futuro, vive o presente.

De acordo com Borges Filho<sup>5</sup> “o nome pode revelar um conteúdo psicológico, ideológico, político, etc.”. Neste caso, os significados dos nomes Naziazeno e de sua esposa, Adelaide, revelam a hierarquia estabelecida na casa. Enquanto Adelaide significa pessoa que tem dificuldades em se abrir, em se expressar, Naziazeno é impaciente e aventureiro, isso ratifica o fato de Naziazeno impor-se diante da mulher, estabelecendo sua posição quanto ao fornecimento do leite ser um luxo desnecessário.

Vejamos a conversa do casal na cozinha quando Naziazeno finaliza o café:

\_ **Aqui não!** É a disciplina. É a uniformidade. **Nem se deixa lugar para o gosto de cada um.** Pois fica sabendo que não se há de fazer aqui cegamente o que os outros querem.

A mulher não diz nada. Voltara a esfregar uma qualquer coisinha na tábua da mesa.

Ele se para bem **defrente** dela e a interpela:

\_ Me diz uma coisa: o que é que se perdeu não comendo manteiga, isso, que é mais um pirão de batatas do que manteiga?

Ela não responde.

\_ E o gelo?... pra que é que se precisava de gelo?...

Faz-se uma pausa. Ele continua:

---

<sup>5</sup> Citação retirada da apostila de estudos organizada pelo professor Oziris Borges Filho para compor o material de estudos da disciplina Teoria da Literatura II.

- \_ Gelo... manteiga... Quanta bobice inútil e dispendiosa...
  - \_ Tu queres comparar o gelo e a manteiga com o leite?
  - \_ Por que não?
  - \_ Com o leite?!
- Ele desvia a cara de novo.
- \_ Não digo com o leite – acrescenta depois – mas há muito esbanjamento.
  - \_ Aponta o esbanjamento.
  - \_ Olha, Adelaide (ele se coloca decisivo **na frente dela**), tu queres que eu te diga? Outros na nossa situação já teriam suspenso o leite mesmo.
- Ela começa a choramingar:
- \_ **Pobre do meu filho...**
  - \_ **O nosso filho não haveria de morrer por tão pouco. Eu não morri**, e muita vez só o que tinha pra tomar era água quente com açúcar.
  - \_ Mas, Naziazeno... (A mulher ergue-lhe uma cara branca, redonda, de criança grande chorosa) ...tu não vês que uma criança não pode passar sem leite?... (MACHADO, 1935, p. 9, grifos nossos)

De início, verificamos a abordagem do tema identidade. A fala de Naziazeno refere-se ao comportamento social de se ter que fazer a rotina estipulada pela sociedade até mesmo para as escolhas particulares. Quando discute com a mulher, sugere que não há de se viver como os outros vivem e que não há uma regra imposta por nenhuma entidade. Em outro trecho ironiza o uso da manteiga “como se fosse uma lei da polícia comer manteiga”. (Machado, 1935, p. 8).

Os advérbios de localização “aqui” e negação “não” no início do trecho ressaltam a ideia da personagem em repudiar os costumes do grupo social em que vivem. Ainda argumenta sobre a falta de individualidade e a crítica a obscuridade em se seguir uma mesma ideologia só porque os outros (aqueles que pertencem ao mesmo grupo) estão fazendo.

Stuart Hall (2002) em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* explica a causa da coletividade na sociedade:

Ainda era possível, no século XVIII imaginar os grandes processos da vida moderna como estando centrados no indivíduo “sujeitos da razão”. Mas à medida que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social. (HALL, 2002, p. 20)

Os argumentos de Adelaide “Pobre do meu filho ...” e de Naziazeno “O nosso filho não haveria de morrer por tão pouco. Eu não morri” (Machado, 1935, p. 9) demonstram o modo de persuasão do casal, a mulher tenta convencer com

argumentos conotativos e o marido denotativos. Ou seja, ela apela para o emocional na tentativa de convencer o marido do quão triste é deixar a criança sem leite, o marido, por sua vez, é pragmático e comprova com exemplo verídico à esposa que a situação do filho não ocasionará em morte, portanto, não é essencial manter o fornecimento de leite somente porque os outros o fazem.

No entanto, Naziazeno demonstra insegurança no que diz. Seu papel na obra é representar o homem que questiona os valores sociais, seja dizendo ou agindo de maneira diferente daqueles que o cercam, tentando adequar-se às necessidades e cobranças da vida moderna, porém reconhecendo a falha em se perder o calibre individual.

Ainda neste excerto, com as expressões grifadas “defronte”, “na frente dela”, percebemos a referência ao espaço. A importância de Naziazeno estar diante da mulher é causar uma imposição. Essa postura, a posição do corpo no espaço é chamada de Proxêmica pelo antropólogo Edward T. Hall (2005). A distância que um ser estabelece em relação a outro ser é interpretada como uma “linguagem não dita”. Nas palavras do autor, “Proxêmica é o termo que cunhei para a inter-relação entre observações e teorias de uso que o homem faz do espaço como uma elaboração especializada da cultura”. (HALL, 2005, p.1) A proxêmica é apenas uma parte da relação homem e espaço, a transformação constante do homem no espaço e pelo espaço elabora uma “dimensão cultural”.

A partir deste momento, Naziazeno sai às ruas da cidade, Porto Alegre, onde se passa todo o enredo da obra, à procura de um empréstimo para pagar a dívida. Durante todo o dia vive inúmeras experiências e frequenta lugares que de uma forma ou de outra contribuem para o sucesso ou não de conseguir o dinheiro para pagar o leiteiro em vinte e quatro horas. Esses lugares, exploraremos com detalhes nos capítulos subsequentes desta dissertação.

Retomemos aqui o tema principal que norteia o romance modernista: a busca constante do homem comum pela vida digna e minimamente confortável numa sociedade egoísta.

A narrativa expõe a tristeza e o desespero da personagem frente ao seu problema financeiro. A sociedade moderna tem suas relações movidas por dinheiro, e a humilhação e frustração se fazem presentes na vida deste homem. A personagem é uma metonímia da representação social capitalista. Ainda, tratando-se de um romance moderno, as emoções de Naziazeno transcendem a obra e

galgam o leitor.

Depois de todas as experiências, o funcionário público volta para casa e esta agora é apresentada sob descrição objetiva que é uma tipologia de escrita que descreve em detalhes o lugar sem promover qualquer valor sentimental ou racional por parte do narrador. Percebemos, portanto que a narrativa é construída sob uma estrutura circular. O espaço final e o inicial são os mesmos, a casa. No início do parágrafo verificamos não só a descrição do espaço, mas também sua relação com o tempo. Desse modo, introduz-se nesta análise o Cronotopo, a análise do tempo e espaço numa mesma narrativa.

Vejamos o trecho que narra a cena da volta de Naziazeno à casa:

A porta do **comedouro** vai-se abrindo (entra-se diretamente do pátio para a “varanda”). Senta-se à **mesa sem toalha**, no seu pequenino trabalho, a mulher ergue uma cara pálida, triste e atenta. **É tarde (são nove horas)**. Naziazeno não quer que ela se assuste. Daí essa precaução. Abre a porta devagar, empurrando-a com os embrulhos. Tem um sorriso branco no meio do rosto escuro (está com uma barba de dois dias).

A mulher parece que vai compreendendo lentamente. Levanta-se. Naziazeno já entrou de todo. Dá-lhe um pouco as costas: fecha a porta.

\_ Eu já estava ansiosa. **Todo o dia longe...**

Os embrulhos atrapalham-no...

\_ O que é isto que tu trazes aí?

Ele os deposita sobre a mesa. A mulher se aproxima:

\_ O meu sapato... Tu arranjaste dinheiro?

Ele lhe diz que “sim” com a cabeça, enquanto tira o chapéu e o coloca igualmente em cima da mesa.

A mulher desfaz inteiramente o embrulho do sapato. Olha-o demoradamente, inspeciona o salto e a “compostura”.

\_ Tu ainda não jantaste?

Ela demora os olhos na sua cara, examinando. Ele está pálido, com olheiras, mais barbudo e mais magro (representa-lhe). **Só os olhos têm um ar de vivacidade.** (MACHADO, 1935, p. 119, grifos nossos)

Os olhos de Naziazeno demonstram “vivacidade” enquanto todo o resto revela seu cansaço e desânimo. Os olhos refletem um desejo interior da personagem, enquanto caminhava pela cidade em busca de dinheiro, seu corpo cedia aos desgastes da correria, porém os olhos mantiveram e expressavam a vontade da alma.

Embora tenha tido muita dificuldade em conseguir o dinheiro, dentro de si acreditava numa possibilidade de resolução e, quando esta se deu, a comemoração



foi através do olhar visto que o corpo já refletia o desgaste.

Neste trecho notamos a interferência do tempo. A história é contada por meio de uma anacronia, ou seja, há uma distância entre o tempo da narrativa e o tempo do discurso. No tempo da narrativa, Naziazeno ainda resolvia com Duque seu drama sobre o dinheiro, instantaneamente o discurso passa a descrever sua chegada em casa e os momentos de reencontro com a mulher. Há uma “folga” no tempo e o discurso passa a narrar “agora” fatos que só aconteceriam mais adiante. Há, portanto, uma antecipação da narrativa, uma quebra na cronologia dos fatos que estão sendo narrados. Essa anacronia é denominada prolepse.

A fim de exemplificar tal prolepse, vejamos o último trecho anterior ao que conta a chegada de Naziazeno em sua casa:

É justo aliás que o senhor queira rodear de todas as garantias o negócio.  
Outro silêncio.  
Alcides não se mexe. Duque mantém o braço estendido, à espera do anel.  
É um sono agora o que tem Naziazeno. É só um sono...  
(MACHADO, 1935, p. 118)

O trecho acima narra a última cena antes de Naziazeno ir para casa. No entanto, ela não indica a despedida de Naziazeno aos amigos, nem relata sua partida em direção ao lar. Fica um vazio, pois a única informação dada é a de que Naziazeno sente muito sono durante a negociação do anel entre Duque e Alcides.

Logo, a narrativa parte para a chegada de Naziazeno em casa.

A porta do comedouro vai-se abrindo (entra-se diretamente do pátio para a “varanda”). Senta-se à mesa sem toalha, no seu pequenino trabalho, a mulher ergue uma cara pálida, triste e atenta. É tarde (são nove horas). Naziazeno não quer que ela se assuste. Daí essa precaução. Abre a porta devagar, empurrando-a com os embrulhos. Tem um sorriso branco no meio do rosto escuro (está com uma barba de dois dias). (MACHADO, 1935, p. 119)

Sem conclusão do que houve na negociação do anel, apenas com a constatação do sono de Naziazeno, a personagem já está em casa e diante da mulher. Sabemos a partir do excerto que ele tem embrulhos nas mão, o que indica que conseguiu o dinheiro pelo qual solicitava. Ocorre que o recurso utilizado pelo narrador, a prolepse como dissemos acima, traz depois da chegada da personagem

em casa o percurso que o levou de volta ao lar.

Acreditamos que tal abordagem na narrativa representa a posição do protagonista diante de seu cansaço. Naziazeno durante um bom período apenas ouvia silenciosamente a combinação de Duque e Alcides, estava tomado pelo sono. O recurso do narrador em “pular” a parte que narra o percurso de Naziazeno até sua casa ilustra o modo como a personagem via ou lembrava-se. O sono pode ter adiado a memória do personagem depois do reencontro com a mulher, assim o narrador também o fez para dar mais realidade ao modo como Naziazeno se sentia.

A marcação temporal no trecho em destaque reafirma a passagem de tempo no discurso e isso nos permite uma abordagem sobre como o tempo se situa junto com o espaço num estudo literário. Essa abordagem de tempo e espaço foi intitulada por Bakhtin (1997) de Cronotopo que é a junção das palavras gregas *crónos* que significa tempo e *tópos* que significa espaço. Fiorin (2006) alega que este termo foi cunhado por Bakhtin na intenção de se estudar as duas vertentes, tempo e espaço, num mesmo texto. No excerto percebemos a marcação temporal pela fala da mulher: “Todo o dia longe...”. Verificamos, portanto uma relação entre o tempo e o espaço.

Ainda sobre o trecho em análise, percebemos nos grifos a utilização do termo “comedouro” que indica o espaço de refeições da família Barbosa. Este termo, segundo o *Novo Dicionário Aurélio* (2009, p. 503) significa, quando o verbete se refere a espaço, “lugar onde os animais silvestres vão comer” ou “lugar ou recipiente onde comem os animais”. Tal referência dada pelo narrador à cozinha da casa de Naziazeno revela a ausência de conforto e escassez de dinheiro da família. Essa ideia se reafirma por meio da descrição objetiva feita pelo narrador sobre os detalhes deste ambiente “mesa sem toalha”, interpretamos a satisfação do narrador em ressaltar a falta de toalha na mesa como forma de acender a literal pobreza da família.

A diminuição dos valores da família também é expressa, agora por meio de descrição subjetiva que demonstra a opinião do narrador, ou seja, quando o narrador fala do trabalho doméstico da esposa “no seu pequenino trabalho, a mulher ergue uma cara pálida, triste e atenta.” (Machado, 1935, p.119), revela o descaso para com a obrigação desta dona e casa. O diminutivo “pequenino” realça a falta de importância que esta personagem exerce no lar, como se o esforço para manter a casa em ordem fosse meramente casual e sem auxílio algum na resolução do

problema que a família enfrenta.

Após a conversa com o marido, Adelaide prepara o jantar que há muito esperava por Naziazeno e já estava frio. Enquanto espera, Naziazeno passa por devaneios que o fazem refletir e retornar aos acontecimentos que sofrera durante o dia.

Naziazeno senta-se no “seu lugar”, esperando.  
Vê-se descendo no entroncamento, naquela esperança de encontrar numa daquelas lojas de turcos um brinquedinho qualquer. Ao se representar as vitrinas iluminadas, via os brinquedos nas vitrinas, as cornetas... (MACHADO, 1935, p. 121)

No trecho em destaque notamos que o pensamento de Naziazeno começa a divagar, vive um devaneio recorrente de um momento marcante de seu dia que foi quando esmerou comprar a corneta para seu filho. O devaneio é uma desordem mental que pode ser causada voluntária ou involuntariamente. Segundo a psicóloga Gina Strozzi, em entrevista ao site, *Ultimato*, “no devaneio (sonhar acordado) podemos criar ou recriar uma “cena” com o propósito de gerar satisfação quando e quantas vezes desejarmos.” (STROZZI, 2007).

Sendo assim, a cena reconstruída por Naziazeno enquanto espera o jantar causa uma analepse, ou seja, uma anacronia contrária à prolepse citada anteriormente. Diferente da prolepse, Borges Filho (2010, p. 42) afirma, em seu artigo *O Cronotopo e o Fantástico em “Cataratas do Ceu” de Mia Couto*, que “a analepse ocorre quando um acontecimento aparece no discurso “agora”, mas que do ponto de vista da história, ele se situa no passado”. A analepse neste trecho ocorre acerca de um fato da tarde que recorre no discurso do narrador sobre a noite e o final das peripécias vividas por Naziazeno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da configuração do romance de Machado (1935), observamos a caracterização de um fazer literário abrangente à questões pessoais, sociais, e ideológicas do homem.

Com temas tão abrangente como os que verificamos em *Os Ratos*, o estudo Topoanalítico pode ser realizado atendendo aos diversos aspectos abordados, visto que estudar o espaço é estudar os acontecimentos, emoções, situações e

desdobramentos que este espaço pode proporcionar no desenvolvimento do romance. Desse modo, o estudo apresentado contribui para o enriquecimento crítico da obra e para a disseminação das possibilidades desse conceito de análise.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277 – 289.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3)

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BORGES FILHO, Ozíris. **Poéticas do espaço literário**. São Carlos: Clara Luz, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. Ed. Rio De Janeiro: DP & A, 2002.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MACHADO, Dyonelio. **Os Ratos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1935.

STROZZI, G. **O mundo da fantasia: sempre fantasiamos o que não temos e não somos... e gostaríamos de ter e ser.**2007. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/>>. Acesso em 06 jun. 2016.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo d percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

BARBOSA, Márcia H. Saldanha. **A paródia em O louco do Cati**. Porto Alegre: EDIPUC/RS, 1994.

WOORDWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.) **Identidade e diferença**, Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, E. T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009.

Recebido: 30/10/2015

Publicado: 12/02/2016